## Volume II

## Quarta Parte - 6

## Há algum sexto sentido embutido em algum lugar nas entranhas da carne

Está tudo acabado: você sai sob a luz do sol, e tudo parece tão colorido que chega a ser desagradável aos olhos e vazio, não coberto por nada e sem qualquer adereço, não tendo o suficiente para cobrir tudo que deveria e, além de tudo, lugar-comum. Toda mágica desapareceu da cena; tudo está tão longe de todo o resto; todos que encontramos parecem grosseiros, "Brobdingnagian"[1] e demasiados próximos. E tem-se olhado para coisas semelhantes à vida toda!

Assim, acontece com o meu sonho, em comparação com a experiência cotidiana comum de vigília; só que, ao invés de serem pequenas imagens uniformes e silenciosas, se movendo em, em torno de, um metro quadrado de cartolina e atraindo apenas para os olhos, as coisas e as pessoas no meu sonho tinham a mesma linearidade e medidas como na vida e eram em tamanho real; alguém poderia se mover entre eles e atrás deles, e sentir como se pudesse tocá-los, agarrá-los e abraçá-los, caso alguém ousasse. E o ouvido, assim como o olho, foi libertado dessa câmara escura do cérebro: ouvia suas palavras e risos como na vida. E isso não era tudo, pois a brisa suave soprava no rosto, os pardais cantarolavam, o sol exalava seu calor e o perfume de muitas flores tornava a ilusão completa.

E o que falar da Duquesa das Torres! Ela não era apenas visível e audível como os demais, mas também tangível, em toda a extensão da sensibilidade que isto possa significar no meu sentido de tato; quando minhas mãos seguraram as dela, senti como se estivesse atraindo toda a sua vida para a minha.

Com exceção daquela única figura, tudo evidentemente tinha sido *real* alguns anos atrás, até o zumbido de um inseto, até a queda de uma flor!

---

[1] N.T.: Brobdingnagian é o mesmo que "gigantesco", "tremendo", "imenso", "enorme". Sua origem data de 1728 com Brobdingnag, terra imaginária de gigantes em As Viagens de Gulliver de Jonathan Swift.

Por acaso eu havia enlouquecido? Eu tinha tomado posse do passado, como desejava fazer algumas horas antes.

O que são visão e audição e tato e o restante?

Cinco sentidos ao todo.

As estrelas, mundos após mundos, a tantos bilhões de quilômetros de distância, o que são para nós senão meros pontos brilhantes em uma rede de nervos atrás do olho? Como é que os sentimos aí?

O som da voz do meu amigo, o que é? O aperto de sua mão, a visão agradável de seu rosto, o cheiro de seu cachimbo e do meu, o sabor do pão, do queijo e da cerveja que comemos e bebemos juntos, o que são eles senão coisas que parecem reais, mas não são (ficções perdidas, talvez) do cérebro – pequenos fortes sentimentos de excitação e prazer através dos nervos feitos de propósito, e sem os quais não haveria estrelas, nem cachimbo, nem pão e queijo e cerveja, nem voz, nem amigo, nem eu?

E há, por acaso, algum sexto sentido embutido em algum lugar nas entranhas da carne – alguma sobrevivência do passado, da raça, mesmo de nossa própria infância, estiolada pelo desuso? Ou algum rudimento, algum esforço para começar, alguma faculdade oculta de valor inestimável a ser desenvolvida em uma futura fonte de felicidade e consolo para nossos descendentes? Algum nervo que agora só pode ser feito para estremecer e vibrar em um sonho, ainda delicado demais para exercer sua função à luz do dia comum?

E era eu, dentre todas as pessoas no mundo – eu, Peter Ibbetson, arquiteto e agrimensor, Wharton Street, Pentonville – o mais fútil, inconstante e um inculto sonhador de sonhos – destinado a fazer alguma grande descoberta psíquica?

Refletindo profundamente sobre essas coisas solenes, voltei a dormir, como era bastante natural – porém, não mais sonhar. Dormi profundamente até mais tarde e tomei o café da manhã no Bains Deligny, onde havia uma deliciosa piscina perto da Pont de la Concorde (do outro lado), e lá passei a maior parte do dia, alternadamente nadando, cochilando e fumando cigarros, e pensando nas maravilhas da noite anterior, e esperando por sua repetição na noite seguinte.